

# CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **A vida não é útil**

## **Autoria**

Ana Paula Severiano

Especialista do Instituto Avisa Lá

## **Coordenação**

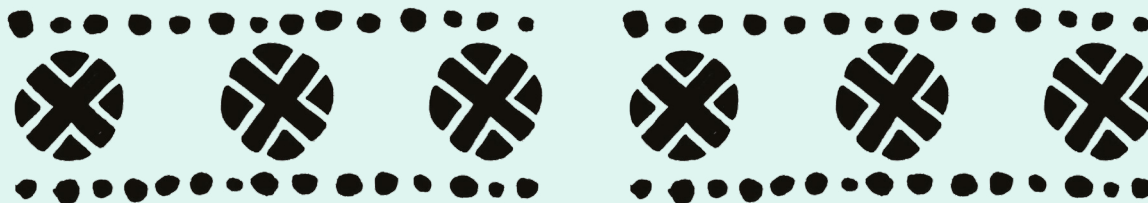
Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá

---

COMPANHIA DAS LETRAS



# CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

**Livro**

*A vida não é útil*

**Autor**

Ailton Krenak

**Indicação**

A partir dos 15 anos de idade e da 1ª a 3ª série do Ensino Médio

**Gênero literário**

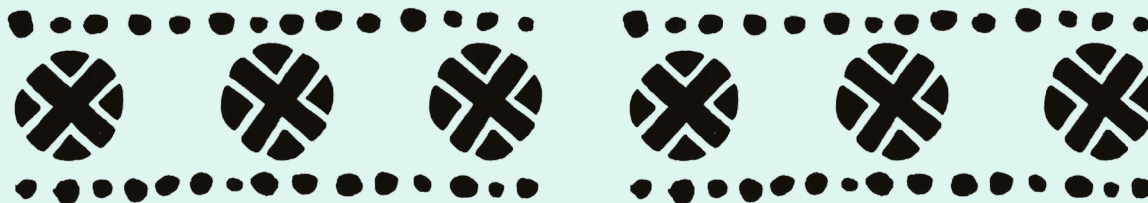
Crônica

**Conteúdo**

Instituto Avisa Lá

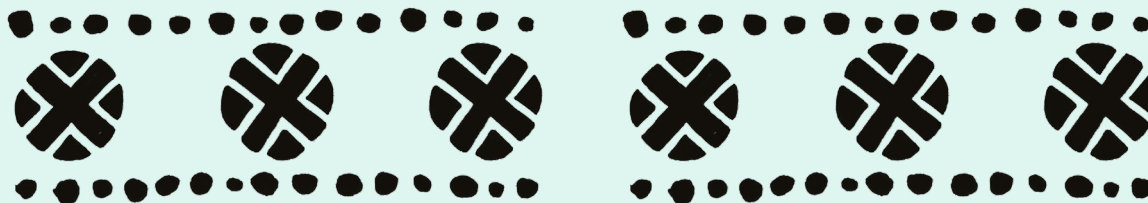
**Revisão**

Luciana Baraldi



## SUMÁRIO

<b>Carta de apresentação</b> .....	<b>IV</b>
<b>Por que ler <i>A vida não é útil?</i></b> .....	<b>V</b>
Relevância da obra .....	<b>V</b>
Contribuição deste livro para a formação leitora .....	<b>VI</b>
Quem escreveu este livro .....	<b>VIII</b>
<b>Propostas de mediação</b> .....	<b>IX</b>
A construção do texto e a literatura indígena .....	<b>IX</b>
A vida útil no sistema capitalista .....	<b>XI</b>
A dizimação dos povos indígenas e o lucro .....	<b>XII</b>
Ordens de leitura .....	<b>XIII</b>
<b>Atividades e Projetos literários</b> .....	<b>XV</b>
Atividades	
Paraquedas coloridos: a prática do inútil e nossos escudos .....	<b>XV</b>
Diário fotográfico do leitor .....	<b>XVI</b>
Roda de conversa: leitura como provocação .....	<b>XVI</b>
Projetos	
Clube de leitura: diálogos com Ailton Krenak .....	<b>XVII</b>
Concurso de crônicas ou ensaios poéticos .....	<b>XVIII</b>
<b>Recursos complementares</b> .....	<b>XIX</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>XX</b>



## CARTA DE APRESENTAÇÃO

### **Caro(a) educador(a) mediador(a),**

O *Caderno de sugestões* que você tem em mãos é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *A vida não é útil* para os leitores do Ensino Médio (1ª a 3ª séries, leitores com mais de 15 anos). Começa com uma apresentação do livro e do autor, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

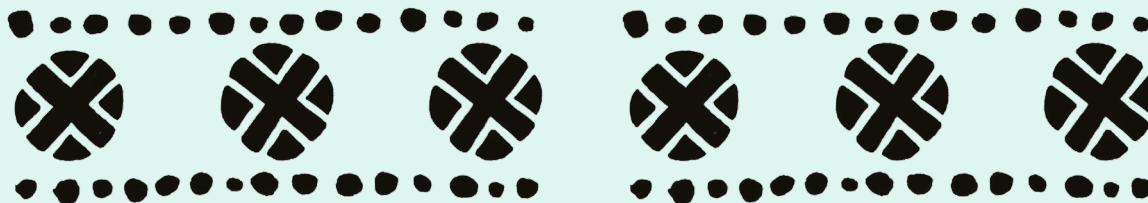
*A vida não é útil*, de Ailton Krenak, apresenta um gênero híbrido e é fruto da reunião e organização — com apoio de Rita Carelli — de entrevistas, palestras, falas públicas e *lives* de que Krenak participou entre 2017 e 2020. O resultado é uma combinação singular de **crônica**, **ensaio poético**, **poesia**, **oralidade**, **filosofia** e **denúncia**, que reflete não apenas a visão de mundo do ambientalista, mas o modo de pensar e de fazer **literatura indígena**, configurando, talvez, uma experiência literária rara para a maioria dos leitores.

Diante do atual cenário de incerteza, o autor se vale do repertório de diversas culturas, mas, sobretudo, de sua existência como indígena Krenak, para questionar alicerces da sociedade capitalista, como progresso e civilização.

Tanto pela estética quanto pelas temáticas, a leitura de *A vida não é útil* é recomendada nas escolas e bibliotecas, uma vez que o texto, ao mesmo tempo poético e acessível, permite aos jovens leitores refletir sobre o presente de uma perspectiva ética, não hegemônica e contracolônia; em outras palavras, de combate à reprodução do pensamento e das práticas de dominação tão arraigadas na sociedade.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos brasileiros.

Bom trabalho!



## POR QUE LER *A VIDA NÃO É ÚTIL*?

*A vida não é útil* é uma obra capaz de levar os leitores das três séries do Ensino Médio e a partir dos 15 anos de idade em uma viagem de desvelo do mundo pela ótica do povo indígena, oferecendo uma pluralidade de visões crucial para a formação de jovens críticos.

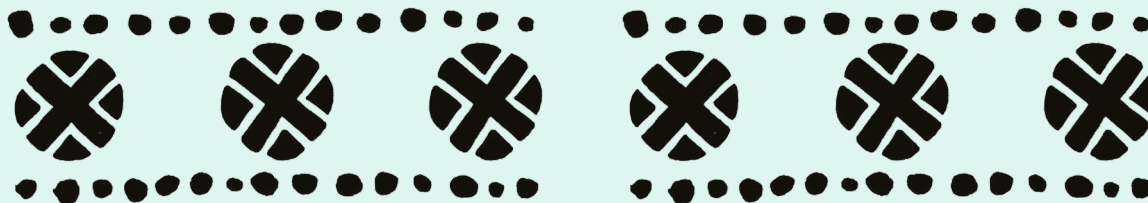
O livro faz refletir sobre como as coisas poderiam ser diferentes fosse outra a nossa relação com a natureza e com a vida. Especialmente em um ano como 2020 — período abrangido na obra —, quando a humanidade se viu diante da pandemia de covid-19 e do consequente isolamento social que afetou profundamente a todos, mas, singularmente, à juventude, cuja convivência interdita com os pares nessa fase crítica de construção de identidade impactou no desenvolvimento de habilidades sociais e no amadurecimento emocional. Nessa época, foi necessário navegar ainda pelo “breque” na economia, pela busca por uma vacina — e, frente ao negacionismo científico, também pela pressão do mercado pela volta à “normalidade”, a ampliação das desigualdades e as mortes precoces provocadas pelo vírus.

### Relevância da obra

A combinação entre isolamento e diálogo à distância com diferentes intelectuais e públicos deu à luz uma obra que tanto inaugura quanto retoma temas presentes na literatura de Ailton Krenak: a concepção ocidental de humanidade, a mercantilização da natureza, a crítica à celebração da modernidade e do progresso, a valorização do conhecimento e da cosmovisão indígenas e a tendência, no sistema capitalista, de se atribuir um **propósito utilitário à vida**.

Quando o autor afirma, por meio de sua obra, que a vida não é útil — ela é bela, misteriosa, fugidia; não serve para nada além de ser vivida — ele recusa a utilidade como medida do valor da vida. Assim, apresenta, nesse e em outros trechos da obra, uma crítica direta ao pragmatismo moderno orientado pela lógica capitalista, que ignora a experiência e a contemplação como demandas naturais. Na mesma lógica, Ailton Krenak sustenta que o *Homo sapiens* não está segregado da natureza nem é mais especial que outras espécies, ainda que o discurso corrente induza a pensar dessa maneira. Pelo contrário, ao mobilizar a cosmovisão indígena, ele propõe que tudo que é vivo no planeta compõe uma grande rede de relações que gera significados, afetos e efeitos. Assim, convida a uma reflexão profunda sobre o valor da vida, da natureza e das relações humanas.

Tal reflexão consolida-se na medida em que Ailton Krenak usa a linguagem literária como território de luta, denunciando o antropocentrismo, a desigualdade social, o extrativismo predatório, o racismo ambiental e a destruição dos modos de vida dos povos tradicionais. Mas isso se dá de forma muitas vezes lírica e afetiva — convidativa. Essa escolha estética amplifica o impacto ético: desarma, toca e convoca à escuta em um mundo no qual, por vezes, é impossível ficar “à toa”, ouvindo e apreciando — sem objetivo imediato e lucrativo — olhares diversos sobre o mundo.



A relevância da obra, portanto, passa pela retórica contrária à visão útil da vida no contemporâneo e às decisões tomadas em nome do progresso, mas justifica-se igualmente pela apresentação de um posicionamento ético por meio da estética da oralidade, da ancestralidade, da poesia e da escuta, indissociavelmente ligadas ao respeito, ao cuidado e à coexistência.

Para os leitores, esse contato com uma perspectiva indígena e filosófica rompe com visões eurocêntricas dominantes e convida à construção de um olhar mais plural, empático e sustentável. Além disso, estimula a meditação sobre o papel de cada um na sociedade e no futuro do planeta — tema premente para essa geração.

As críticas contidas na obra não representam o anúncio do fim do mundo ou a irrupção de uma distopia, dos quais não há escapatória. Ailton Krenak lança mão da literatura indígena para fazer um chamado coletivo e fundamental, pautado na tradição Krenak, à ação e à vida, à capacidade de “atravessar o deserto” da crise: **“Ou toda vez que você vê um deserto você sai correndo? Quando aparecer um deserto, o atravesse”** (p. 80).

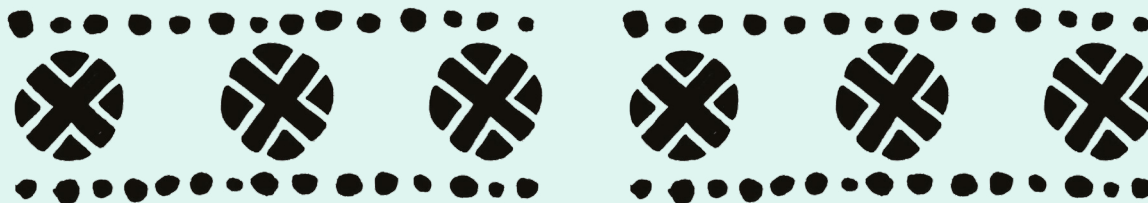
## Contribuição deste livro para a formação leitora

A poética de *A vida não é útil* revela ideias distintas do dito pensamento ocidental e propicia um encontro com uma das múltiplas literaturas indígenas, com gênero e estética próprios da vivência do povo Krenak.

Ainda em provocação ao modelo de vida eurocêntrico, Ailton Krenak honra a produção de outras lideranças, como Davi Kopenawa — xamã yanomami, autor do livro *A queda do céu*. Dessa forma, a obra chama ao debate interpretações da realidade e autores historicamente marginalizados e excluídos pelas universidades, por centros tradicionais de produção de conhecimento e pelo cânone literário. A respeito desse confronto é possível relacionar com Graça Graúna ao defender a voz, a palavra e a propriedade intelectual e imaterial dos povos indígenas: “A preocupação principal do autor não é prestar obediência ao cânone literário; seu objetivo maior é transmitir o pensamento (ancestral e/ou contemporâneo) indígena que deve ter um lugar também nas escolas não indígenas”. (2013, p. 145).

Em diferentes espaços dedicados à formação de leitores, além das escolas, essa prática pode sustentar-se no contato com a diversidade de vozes, por vezes ignoradas ou silenciadas. É cabível refletir: na biblioteca, há quantos livros que contam histórias indígenas? Quem os escreveu? O que de fato sabemos sobre os povos originários do Brasil, sobre sua produção de conhecimento e literária, e sobre sua relação com a natureza? É necessário rever o já estabelecido em catálogos, prateleiras e indicações de leitura consagradas? Pois,

[...] há uma literatura escrita por indígenas; há uma identidade nessa produção literária; há uma demanda crescente por esse tipo de



escrita. Isso é um fato notado a partir dos últimos 20 anos. É uma produção voltada para crianças e jovens, sim; comprometida com a conscientização da sociedade brasileira sobre os valores que os povos originários carregam consigo apesar dos cinco séculos de colonização (Munduruku, 2018, p. 2).

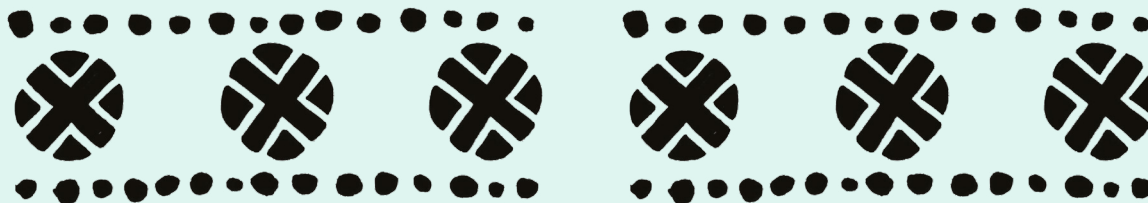
Outra contribuição de *A vida não é útil* para a formação leitora dos jovens e de outros públicos é a oferta de uma entrada acessível aos gêneros híbridos. Costuma tratar-se de textos desafiadores, tanto para quem o escreve quanto para quem o lê, uma vez que esses textos não apresentam estrutura composicional tão bem definida e a prosa é um exercício experimental. Entretanto, Ailton Krenak apropria-se da crônica e do ensaio poético, subvertendo-os: é como se o leitor se sentasse com o autor para algumas conversas.

Nessas conversas, são abordados assuntos tão difíceis quanto a falência do capitalismo, a relação com a morte, o autoritarismo, a inutilidade da vida e as mudanças climáticas de maneira complexa, mas didática; é, ao mesmo tempo, uma aula e um encantamento, que engaja ao combinar a erudição ao prosaico e aproxima os jovens tanto de dilemas existenciais urbanos — Por que se submeter a longas jornadas de trabalho? Por que a contemplação da natureza restringe-se ao “lazer”? O que quero deixar como legado? — quanto de assuntos que nem sempre lhes são inequivocamente próximos, como o genocídio das populações indígenas.

A sensação inicial de fluidez da leitura convive com camadas de complexidade, cujas implicações éticas e estéticas podem ser trabalhadas na mediação da leitura, como se verá adiante.

Por ser linguisticamente expressivo, o texto amplia a compreensão de outros modos de compartilhar a vida no planeta ao aprofundar o entendimento do legado de um dos povos originários que compõem o Brasil e ao proporcionar aos leitores um exercício de alteridade e empatia. Expressões como “*a voz das montanhas, dos rios e das florestas*” (p. 20), “*andamos em constelação*” (p. 39), “*a gente se filia ao rio*” (p. 42), “*memórias de quando éramos, por exemplo, peixes*” (p. 51) mostram possibilidades de manejo da linguagem — na personificação, na metáfora, na metonímia e na comparação —, transmitem a quem lê algo do imaginário de povos que vivem conectados à natureza.

Logo, ler Ailton Krenak, é uma experiência única para a formação leitora dos jovens do Ensino Médio. Sua obra autoral conjuga o uso de uma série de recursos linguísticos à vivência e à existência de seu povo, a fim de ampliar o repertório sobre a cultura, o modo de viver, produzir e transmitir conhecimento desses povos, que usam a literatura como instrumento de resistência e memória. São características essenciais a uma fase do desenvolvimento na qual o universo de saberes e a busca de propósito estão em expansão.



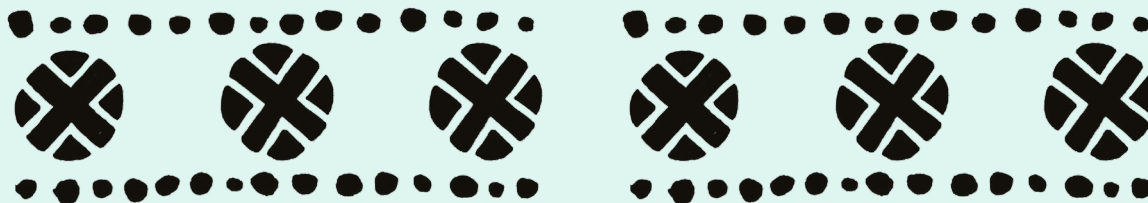
## Quem escreveu este livro

Ailton Krenak nasceu em 1953, no vale do Rio Doce, leste de Minas Gerais. Seu sobrenome anuncia sua origem: é do povo Krenak. A luta pela sobrevivência e garantia de direitos das populações indígenas pauta a trajetória de Ailton, que se mudou para o Paraná aos 17 anos, onde alfabetizou-se aos 18 e, depois, tornou-se jornalista e produtor gráfico.

Mais tarde, no início da década de 1980, fundou a União das Nações Indígenas. A organização de ativistas foi fundamental para a articulação do movimento indígena e para a promoção e defesa dos direitos dos povos originários durante o processo de redemocratização do Brasil. Um símbolo desse processo foi o discurso de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte em 1987. Como forma de protesto, ele pintava o rosto com tinta preta de jenipapo, enquanto falava sobre a necessidade de que a vida e a dignidade das populações indígenas fossem respeitadas na transição para a democracia. Suas palavras foram ovacionadas no plenário e seu trabalho resultou em um feito inédito: a inclusão de um capítulo sobre os direitos indígenas na Constituição de 1988.

Em 2023, anos depois da fala emblemática na Assembleia, Ailton Krenak foi o primeiro indígena eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. O imortal é também Professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora e recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos na categoria Comunidades Indígenas. Entre suas obras estão *Ideias para adiar o fim do mundo*, *Kuján* e *os meninos sabidos* (literatura infantil) e *Futuro ancestral*. Vive em Minas Gerais, perto do Rio Doce e de seu povo.





## PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

Não há meias palavras em *A vida não é útil*: a clareza do texto que alcança um leitor desinformado ou desinteressado pelas questões atuais pode provocar choque ou alguma incompreensão. Por outro lado, esse “arregalar de olhos” também abre caminho para a alteridade e o pensar sobre o mundo que se quer. O assombro pode derivar tanto da reflexão fundamental sobre a utilidade da vida quanto da abordagem de outros temas fraturantes, entre eles, o suicídio de jovens indígenas e a morte precoce provocada pela covid-19 que levou, até 2025, mais de 700 mil pessoas no país, segundo dados do Sistema Único de Saúde.

Tais temas — considerados tabus, difíceis ou de dureza psicológica —, por vezes são ignorados no trabalho com crianças, adolescentes e até com outras faixas etárias, o que tem se intensificado em um contexto de recolhimento e censura a livros em diferentes lugares do mundo. No entanto, essa fricção tem o potencial de acender a centelha do pensamento crítico e da mudança, bastando, para isso, contar com a mediação hábil de alguém disposto a ouvir, acolher e dialogar, em um espaço no qual se constroem práticas de leitura, de fato, democráticas.

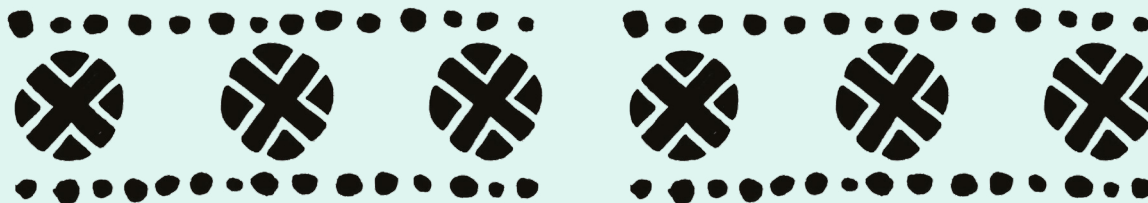
Com isso em mente, sugerimos alguns caminhos — chaves de leitura — para a mediação das crônicas de Krenak. Segundo a especialista argentina em formação de leitores Cecilia Bajour, as **chaves de leitura “são modos específicos de entrar nos textos”** e se relacionam com os saberes literários, ou seja, com a maneira como cada texto literário é construído (Bajour, 2012, p. 64). De cada obra, o mediador pode pinçar uma particularidade, algo que funcione como um disparador para a conversa com os leitores.

A seguir, apontamos algumas rotas interessantes para a exploração de *A vida não é útil*, entrecruzadas com a legislação que rege tanto os currículos quanto o papel das bibliotecas na atualidade.

### A construção do texto e a literatura indígena

Ao considerarmos que a obra apresenta um gênero híbrido, que une crônica e ensaio poético, pode-se denotar algo que ela ainda é uma experiência, um teste, uma proposta à qual é possível voltar para que seja revista, modificada, acabada. Também por isso, as crônicas e os ensaios não oferecem verdades ou respostas prontas. Nesse sentido, a leitura de uma das partes de *A vida não é útil* pode ser feita coletivamente e em voz alta por você, educador(a) mediador(a), ou com a contribuição dos jovens. O objetivo é experimentar um momento de leitura literária compartilhada. A reunião contribui para a partilha de impressões, opiniões, dúvidas, memórias e reflexões para uma posterior leitura individual e autônoma.

Nessa proposta, sugere-se que os leitores tenham exemplares do livro, individuais ou compartilhados. Caso queiram, podem trazer material para fazer anotações conforme a leitura for



conduzida. A ideia é que você, educador(a) mediador(a), ou os leitores voluntários, escolham uma das cinco partes da obra — “Não se come dinheiro” (p. 7); “Sonhos para adiar o fim do mundo” (p. 31); “A máquina de fazer coisas” (p. 49); “O amanhã não está à venda” (p. 75); e “A vida não é útil” (p. 93) — e façam pausas para conversar sobre questões que surgem ou passagens que chamam atenção à medida que a leitura avança. Por exemplo, ao começar pelo título e pelas primeiras frases do texto “Não se come dinheiro”:

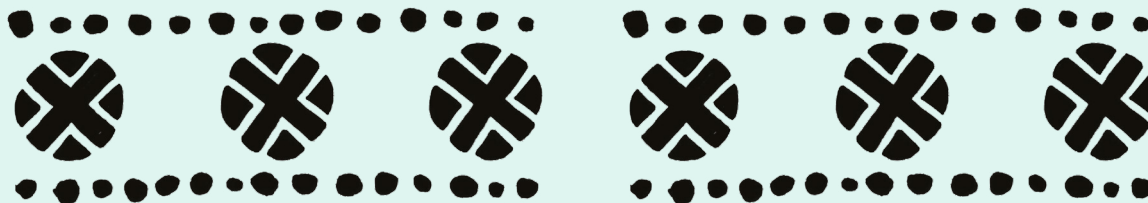
Quando falo de humanidade não estou falando só do *Homo sapiens*, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante (p. 9).

É um início contundente e induz a questionamentos: Quem escreve esse texto? Como define a humanidade? No que essa definição difere da concepção que eu tinha de humanidade? Por que o *Homo sapiens* é a “praga do planeta”, uma “ameba gigante”, se produziu tantos avanços tecnológicos? Concordo com a crítica presente nessas primeiras palavras?

Caso os leitores desconheçam o nome ou a biografia do autor, peça-lhes que tentem imaginar onde ele nasceu e quantos anos tem. Acolha as hipóteses levantadas e, depois, destaque a origem indígena de Ailton Krenak, marcada em seu sobrenome, para provocar outros diálogos: Quais são outros autores indígenas conhecidos? Que temáticas abordam em suas obras? Como escrevem? Será que reproduzimos ideias do senso comum ou estereótipos — como o de que indígenas não escrevem e não podem ser considerados intelectuais?

A conversa antecipa questões abordadas no capítulo “A vida não é útil” (p. 93) e leva a uma reflexão do próprio gênero que está sendo apreciado. Assim, antes de continuar a leitura, é interessante apresentar algumas informações sobre a biografia de Ailton Krenak que, em seu constante ativismo pelos direitos dos povos indígenas no Brasil, é inseparável das temáticas que aborda nesse livro. Sua narrativa reflete o caminho de alguém que ocupou diferentes espaços da sociedade ocidental capitalista, ora como indivíduo, ora como representação de coletivos: seu povo, a terra, a floresta, indígenas e não indígenas, o cosmos, dialogando, desse modo, com referências que se convencionou chamar de clássicos, para criticar a noção utilitarista da existência em um sistema socioeconômico fundamentado na produção máxima e na exaustão.

Depois, sem julgamentos ou avaliação sobre o certo ou o errado, converse com os estudantes sobre as expectativas que tinham. Indague, ainda, se a trajetória do líder indígena ajuda os leitores a compreender as motivações por trás da crítica à concepção hegemônica de humanidade.



Em outro momento, é interessante analisar o texto pela chave estética, discutindo por que se trata de um gênero híbrido, que une crônica, ensaio poético e oralidade. O que entendemos como linguagem poética? A poesia depende de versos, estrofes e rimas ou pode ser identificada em outros usos da linguagem escrita ou falada? Um dos trechos de “O amanhã não está à venda” pode alimentar a discussão e ainda fazer uma conexão com hipóteses sobre o título do livro:

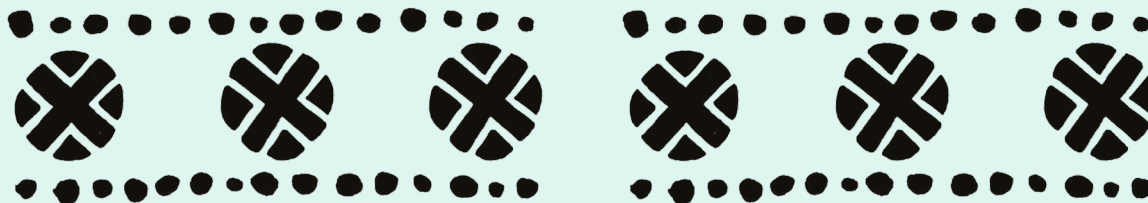
A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta em uma dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas (p. 28).

Convide os participantes a reler o mesmo trecho mais vezes, provocando-os com perguntas como: Ailton Krenak entende a vida e a natureza? Nas imagens que ele tece com palavras, é como se a vida — esse conceito abstrato — ocupasse todos os espaços. Já a natureza não é descrita como quadro na parede ou romantizada (em uma referência mesmo à fase indigenista do Romantismo no Brasil, quando o olhar do branco europeu escrutinava a paisagem), mas como organismo, do qual a espécie humana faz parte, atravessado pela vida — uma ideia que se repete ao longo do trecho e da obra, conferindo à narrativa ritmo e unidade: “A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. [...] Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição” (p. 29). Isso é poesia?

Observe se os participantes notam o uso da repetição e, se não, destaque essa característica que faz parte tanto da linguagem poética quanto da oralidade — linguagens a partir das quais a obra é composta. A oralidade, em particular, imprime ao texto um quê de conversa, de expressão corporal, de costura com outras vozes. A liberdade de seu texto em prosa parece ampliar-se nessa liberdade que se faz presente na oralidade e no seu encontro com um viés poético, sem as amarras do formalismo e permeado pela cosmovisão indígena.

## A vida útil no sistema capitalista

O próprio título do livro é uma chave de leitura. Convide o grupo a pensar: Você é útil?; O que é ser útil?; O que é um dia útil?; Por que os dias da semana, aqueles em que, majoritariamente, se trabalha ou estuda, são chamados de dias úteis?; Nessa lógica, os dias de descanso, como feriados e finais de semana, são dias inúteis?; O que é a vida útil de um produto? A vida útil de uma pilha recarregável, por exemplo, é de cerca de 10 anos. A pilha tem vida?;



E a árvore, tem vida útil? As provocações, durante a mediação, mostram como a combinação entre “vida” e “útil”, no contexto de um sistema econômico capitalista que se pauta pelo trabalho e pela máxima produtividade e lucratividade, definem a existência e o reconhecimento dos indivíduos. E é desafiando essa lógica que, ao longo de todo o texto, Ailton Krenak sustenta a tese que dá nome à obra: *A vida não é útil*.

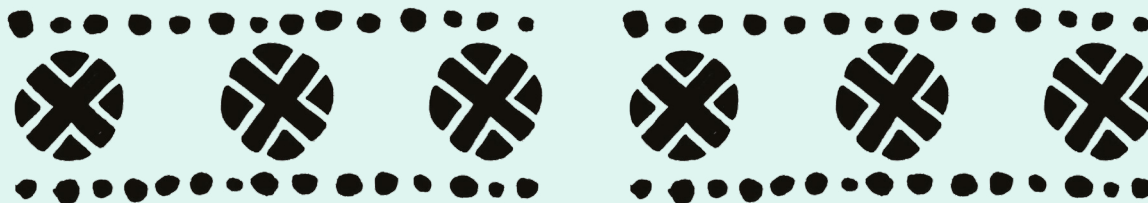
Ao serem provocados com essas perguntas, é possível que os leitores associem o conceito de “utilidade” ao seu contexto de vida, por exemplo, o que se aprende na escola (“isso é inútil para o mundo do trabalho”), a ansiedade com o vestibular e com o desempenho acadêmico (“fui mal nas provas, sou um inútil”) ou a ideia de sucesso disseminada por *influencers* e *coachs* (“ser um trabalhador CLT é inútil, melhor ter seguidores e fazer dinheiro na internet”). Nesse contexto, vale aprofundar a reflexão: útil para quem? Para quê? Em que medida essa lógica determina a forma como cada um percebe seu próprio valor?

A essa altura da vida estudantil, é quase certo que os jovens já entraram em contato com críticas ao sistema capitalista, entretanto, é provável que uma crítica pela perspectiva do povo indígena seja uma novidade para eles. Ailton Krenak aponta a cegueira de uma dinâmica social que celebra a tecnologia e o suposto legado do *Homo sapiens* sobre a Terra, mas menospreza a maravilha da vida por si só, na integração com os cosmos — como se orientam os povos originários. Pelo contrário, reduz a natureza à mercantilização e ao consumo desenfreado, o que, contraditoriamente, levará ao fim da espécie humana no planeta.

Esse estado de coisas condena quem não contribui para as engrenagens que movimentam a máquina. São os vagabundos, os desocupados, os vadios, os preguiçosos, os perdidos, em suma, os inúteis. Na mediação, é oportuno ouvir o que o grupo pensa dessa perspectiva e entender se encontra identificação nas críticas. É possível apontar, também, como Ailton Krenak é veemente em relação às dolorosas consequências desse modo de viver, pautado na produção: *“Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. É por isso que muita gente morre cedo, desiste dessa bobagem toda vai embora”* (p. 109). Nesse trecho, ele toca em outro tema fraturante — o suicídio — que será comentado a seguir.

## A dizimação dos povos indígenas e o lucro

As guerras contra os indígenas, a imposição da religião e a exploração de terras para a extração de minério remontam à chegada dos colonizadores portugueses, em 1500. A crise, no entanto, prossegue até hoje: as imagens da tragédia humanitária yanomami, em 2023, ganharam a mídia, mostrando quadros graves de desnutrição e óbitos ocasionados pelo garimpo ilegal que contaminou a água, reduziu a disponibilidade de animais para caça e lançou ofensivas violentas contra esse povo em Roraima. *A vida não é útil* é anterior à denúncia da situação dos Yanomami em rede nacional, mas traz uma crítica enfática ao poder destrutivo do garimpo e de outros empreendimentos movidos pela lógica capitalista de lucro a qualquer custo:



O lugar onde estou é chamado de Quadrilátero Ferrífero. É de um mau gosto enorme dar um nome desses para um lugar. O que ele quer dizer? Que estamos ferrados. Duas barragens, uma em Mariana e outra em Brumadinho, derramaram ferro em cima da gente. O longo processo de desenvolvimento dessas tecnologias que nos enchem de orgulho também encheu os rios de veneno (p. 27).

Como educador(a) mediador(a), é interessante que você se muna, então, de informações que ajudem a ampliar o repertório dos leitores sobre o tema, trazendo, por exemplo, notícias dos desastres ocorridos em Brumadinho e Mariana, Minas Gerais. Outros dados relevantes dizem respeito aos próprios Krenak, povo que hoje vive, sobretudo, em áreas de São Paulo e Minas Gerais. Desde o processo de colonização do país até a atualidade, eles têm sido vítimas de violência em razão da disputa por suas terras e riqueza natural. Durante a Ditadura Militar, foram confinados em um reformatório, em Resplendor, Minas Gerais, onde foram submetidos a trabalhos forçados, castigos físicos e abuso sexual, em uma grave violação dos Direitos Humanos. Em 2025 tramita na justiça uma ação que cobra do Estado brasileiro uma reparação ao povo Krenak.

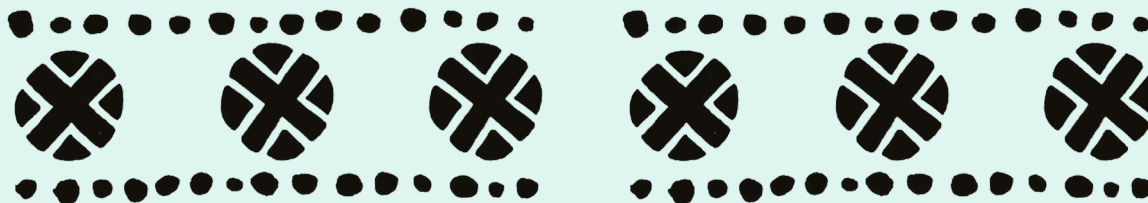
Na parte homônima ao livro, Ailton faz menção ao suicídio de jovens indígenas, assunto bastante sensível e que merece especial atenção do(a) educador(a) mediador(a): **“Uma vez me perguntaram: ‘Por que que tantos jovens indígenas estão se suicidando?’. Porque eles estão achando a vida tão cretina e essa experiência aqui tão insalubre que estão preferindo ir para outro lugar.”** (p. 109-110).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de os jovens pensarem sobre seu projeto de vida. Nesse contexto, **A vida não é útil**, ao fazer menção ao suicídio, parece refletir justamente sobre a falta de propósito ou projeto, alimentada por um sistema que coloca o dinheiro no centro de tudo. Cabe ouvir o grupo em relação a como se sentem diante dessa crítica, além de estar atento(a) a relatos e casos que podem vir à tona e precisam de encaminhamento a serviços de apoio especializados.

## Ordens de leitura

Como se trata de um livro com cinco partes que podem ser lidas em conjunto ou de forma independente, é possível seguir a ordem em que os textos apresentam-se na obra, começando por **“Não se come dinheiro”** (p. 7) e terminando com **“A vida não é útil”** (p. 93), fazer outras combinações ou até pinçar apenas algumas das crônicas.

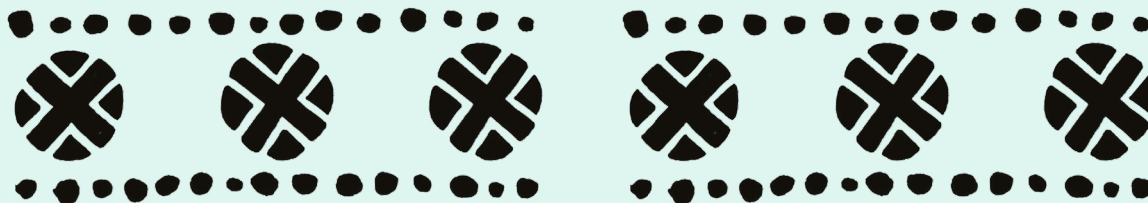
Ainda assim, vale a ressalva de que a seleção de textos e o modo como estão distribuídos no livro não são aleatoriedades. Na atualidade, em razão da dinâmica das tecnologias digitais, tornou-se comum o consumo de fragmentos da produção cultural: vídeos curtos, uma música



desconectada do álbum do artista, uma foto deslocada do contexto em que foi produzida. Cabe a(o) educador(a) mediador(a) provocar: na composição de um *show* de música, de um disco ou de um livro, ainda que ele não seja narrativo, há uma intencionalidade na sequência escolhida?; Que intencionalidade há em *A vida não é útil?*; Por que começar com um texto sobre o presente, que remonta às origens e ao conceito de humanidade, e terminar com uma visão das montanhas divisadas da terra dos Krenak, em um chamado à resistência? Certamente, a organização carrega nela mesma uma mensagem.

Por outro lado, é possível mencionar o modo como as histórias e os conhecimentos são compartilhados em culturas de tradição oral para propor uma ordem não cartesiana de leitura. Em muitas dessas culturas, forma-se a roda para que os mais velhos contem histórias, os mais jovens participem de rituais e brincadeiras e, por vezes, até mesmo para que a própria aldeia se organize. Ora, círculo não tem ponto de início ou de fim. Podemos compreender e ler *A vida não é útil*, de um autor indígena, na mesma lógica?





## ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

A proposta de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora tenha muitos pontos em comum, apresenta diferenças importantes.

No contexto escolar, a leitura literária costuma estar articulada ao currículo e à progressão das aprendizagens leitoras, frequentemente mediadas por títulos recomendados ou obrigatórios. Além disso, tanto em sala de aula como na biblioteca escolar, há um acompanhamento contínuo do grupo de leitores, o que permite observar sua trajetória ao longo do tempo. Já nas bibliotecas públicas e comunitárias, a composição dos grupos é flexível, com participação variável e maior diversidade de perfis. Todos os contextos compartilham o objetivo de formar leitores críticos e autônomos, forjando uma relação duradoura com a leitura. As sugestões de atividades e projetos deste caderno visam ampliar sentidos construídos na leitura e podem ser ajustadas a cada situação.

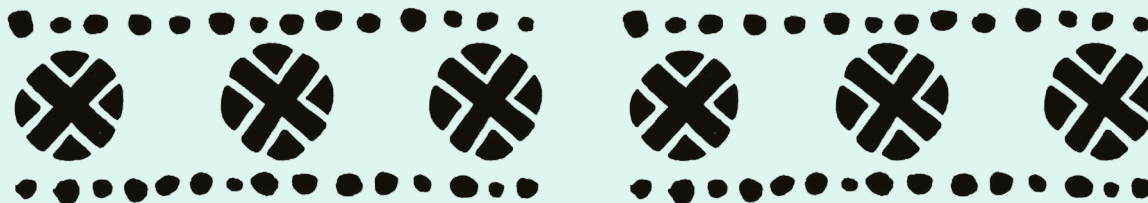
### Atividade **Paraquedas coloridos: a prática do inútil e nossos escudos**

Nesta atividade, propõe-se que o grupo experimente, primeiro, o “nada a fazer”, em um exercício prático da proposta de Ailton Krenak. Isso pode ser feito em espaços formais de leitura, como a escola ou a biblioteca, ou ao ar livre, em um parque ou praça, na beira do rio, na praia ou em outro local em que se possa visualizar o horizonte, se houver essa oportunidade. A sugestão é começar a prática com a leitura de um trecho de *A vida não é útil*, em que Ailton Krenak fala sobre sua relação com o entorno:

Para além da ideia de “eu sou a **natureza**”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida. Eu tenho uma alegria muito grande de experimentar essa sensação [...] (p. 99-100)

Na sequência, cada participante pode escolher como não fazer nada ou o educador(a) mediador(a) pode conduzir a atenção de cada um à respiração, aos sons ao redor, aos insetos e animais ou às plantas, à textura do solo ou ao gosto do ar. Depois, na segunda etapa, convide o grupo a contar como se sentiu: pressionado, agitado e incomodado pelo não fazer nada ou mais livre, reflexivo e conectado com outras coisas que não apenas si mesmo?

O exercício do inútil pode ser combinado a uma reflexão sobre os paraquedas coloridos e os escudos que cada um abre ou usa em momentos de emergência e de organização do eu em meio ao caos. Ailton Krenak menciona, em seu texto, o também mineiro Carlos Drummond de Andrade:



Quando tudo está entrando em parafuso, você tem que ter alguém pra chamar — eu chamo Drummond. Pra mim, ele é um daqueles paraquedas coloridos que eu menciono em *Ideias para adiar o fim do mundo* (p. 24).

O grupo pode reunir em um mural seus paraquedas coloridos — compositores e compositoras, músicas, artistas visuais, poetas —, ou seja, aqueles que salvam uma das práticas humanas nada úteis na perspectiva do sistema capitalista neoliberal: a arte.

### Atividade **Diário fotográfico do leitor**

Além de um diário do leitor, organizado com base em uma programação que considera a leitura de cada uma das cinco partes de *A vida não é útil* por vez, é possível propor, como atividade de sala de aula ou na biblioteca, um diário fotográfico relacionado às temáticas abordadas pelo livro. A ideia é que, a cada etapa da leitura, os jovens exercitem a linguagem fotográfica ou a busca por imagens, na internet ou em outras mídias, motivados pelas ideias e opiniões apresentadas pelo autor.

A cada encontro, antes de um debate coletivo sobre a leitura, alguns leitores podem compartilhar o trabalho que fizeram ou pesquisaram inspirados pela obra. Convide o grupo a apontar que temas fraturantes (como a violência contra as populações indígenas e seu adoecimento, a pretensa utilidade da vida, a sede de lucro e a devastação ambiental) abordados em *A vida não é útil* aparecem nas imagens.

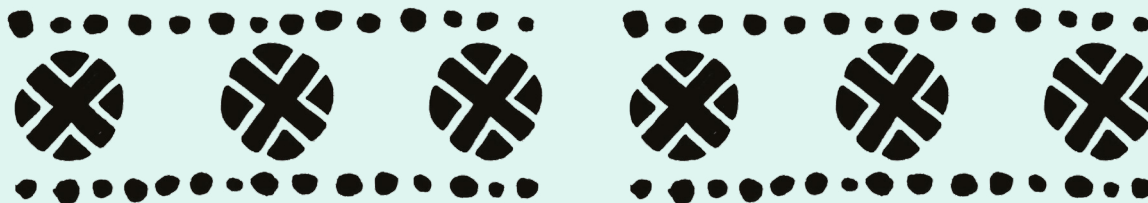
Tanto a pesquisa quanto a análise de alguns artistas visuais e fotógrafos indígenas podem funcionar como etapa prévia desta atividade. Um deles é Denilson Baniwa, de Barcelos, interior do Amazonas. O artista, que usa fotografia e outras linguagens em seus trabalhos, é autor do artigo “Ficções coloniais” (2023)<sup>1</sup>, sobre imagem, cinema e arte indígena.

### Atividade **Roda de conversa: leitura como provocação**

Ao final da leitura de *A vida não é útil*, uma roda de conversa com os leitores, seja na biblioteca ou na escola, contribui para que o(a) educador(a) mediador(a) conduza um diálogo sobre os temas presentes na obra e o impacto que eles provocaram no grupo. Uma proposta possível é identificar, com antecedência, esses temas e organizá-los de acordo com cada parte do livro, a fim de produzir uma espécie de roteiro para a conversa, que contemple as impressões e as opiniões do grupo.

“Não se come dinheiro” (p. 7) — propõe uma revisão do conceito de humanidade, traça um retrato crítico da pandemia de covid-19, resalta a insustentabilidade de um sistema econô-

<sup>1</sup> EM ARTIGO, Denilson Baniwa fala sobre fotografia, cinema e arte indígena. *Gov.br*, 31 maio 2023. Disponível em: [https://bit.ly/Funai\\_BR](https://bit.ly/Funai_BR). Acesso em: 26 maio 2026.



mico pautado no lucro e na concentração de riqueza e aponta a separação entre humanidade e meio ambiente.

“Sonhos para adiar o fim do mundo” (p. 31) — resgata histórias e tradições ancestrais dos indígenas e trata da ideia de sonho como ferramenta coletiva de alerta e como possibilidade de imaginar realidades outras, além dos cenários apocalípticos.

“A máquina de fazer coisas” (p. 49) — critica o vício nas invenções modernas e no consumismo, aborda a ilusão de poder e permanência proporcionada pela tecnologia e a desconexão com a ideia de terra como organismo vivo que essa ilusão provoca.

“O amanhã não está à venda” (p. 75) — discute a inviabilidade do modelo de desenvolvimento atual e enfatiza a necessidade urgente de tomada de decisões para frear a crise que o mundo vive.

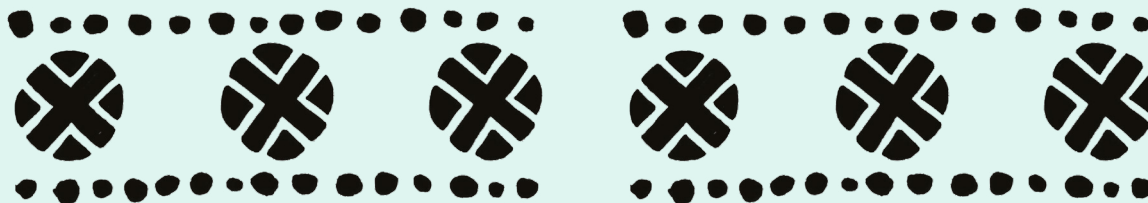
“A vida não é útil” (p. 93) — propõe que a vida tem valor intrínseco como experiência em contato com todos os seres. Logo, não é, por definição, útil ou produtiva, nos sentidos propagados pela ideologia neoliberal e capitalista.

O objetivo do levantamento não é apresentá-lo ou transmiti-lo diretamente ao grupo como o mais adequado, mas sim facilitar a mediação e a condução da discussão. Como culminância da roda de conversa, o grupo pode propor uma espécie de mapa visual da obra, que evidencie os temas de cada parte e os pontos de encontro entre eles que convergem, ao fim e ao cabo, para uma reflexão sobre a vida.

Além das temáticas relevantes de cada obra, é importante que a roda de conversa seja uma prática democrática e acolhedora, para que os jovens se sintam à vontade para compartilhar impressões, sentimentos e opiniões tanto sobre a obra quanto sobre os temas. Ainda, parece pertinente trazer ao debate tópicos como ansiedade climática ou o discurso sobre consumo consciente em uma época na qual convivem, no mesmo mundo, bilionários e pessoas em situação de insegurança alimentar.

## Projeto **Clube de leitura: diálogos com Ailton Krenak**

Os participantes das práticas de leitura e atividades com a obra *A vida não é útil* podem ser convidados a organizar um clube de leitura sobre o livro em escolas, bibliotecas e outros espaços comunitários. Para isso, é necessário planejar e fazer a divulgação do projeto em espaços públicos e nas redes sociais; criar uma forma de inscrição para os participantes; decidir se a leitura será feita em grupo e em voz alta, gradualmente, ou antes dos encontros do clube. Depois, organizar um cronograma e uma pauta para as sessões ao longo de um semestre ou do ano.



O clube pode visar, entre outros aspectos, à apresentação do autor Ailton Krenak, à discussão sobre a pouca representatividade de autores indígenas em bibliotecas e livrarias e ao debate de temas fraturantes presentes em sua obra. Entre esses temas estão a dizimação e as formas de resistência das populações indígenas desde a colonização até hoje; as polêmicas envolvendo a demarcação de terras indígenas; o estímulo ao consumismo; a destruição do meio ambiente; as consequências alarmantes das mudanças climáticas.

Ao final do encontro, o grupo pode assistir a algumas das *lives* e entrevistas que ajudaram a compor os textos de *A vida não é útil*, encontrando os ecos da expressão oral do autor nos textos. A conexão com outras formas de linguagem para além do texto escrito pode culminar, ainda, em um balanço sobre a importância de ter vozes como a de Ailton Krenak presentes em diferentes plataformas de mídia e em espaços como a Academia Brasileira de Letras (ABL) — instituição para qual ele foi o primeiro indígena a ser eleito, em 2023, rompendo com uma tradição que, desde 1897, deu espaço majoritariamente a homens brancos — para que sua luta por justiça, respeito e preservação alcance cada vez mais pessoas, mobilizando a sociedade para a urgência das causas indígenas e ambientais.

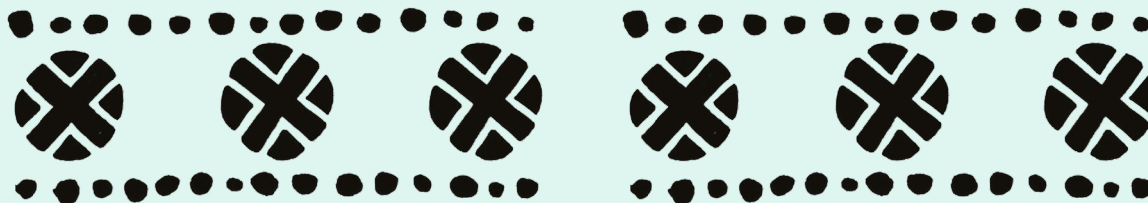
## Projeto Concurso de crônicas ou ensaios poéticos

A mediação da obra *A vida não é útil* possibilita, também, dinâmicas com práticas de escrita. Um exemplo é um concurso de crônicas ou ensaios poéticos, cujo tema seja uma provocação a partir do título da obra.

Para organizá-lo, há uma série de etapas: divulgar a iniciativa aos interessados e estabelecer regras para a escrita do texto, como a necessidade de diálogo com o livro de Krenak e os temas que aborda, em uma reflexão crítica sobre o passado relacionada ao presente e ao futuro da humanidade no planeta. Cabe também definir:

- a extensão mínima e máxima para a crônica ou o ensaio;
- o cronograma com prazo de envio e divulgação dos resultados;
- os critérios de avaliação (como pertinência do tema, adequação ao gênero literário escolhido, qualidade da argumentação, uso poético e adequado de recursos linguísticos, marcas de autoria);
- o comitê avaliador;
- cerimônia de premiação e prêmios.

Os melhores textos podem ser reunidos em uma publicação impressa, expostos nos murais de escolas e bibliotecas ou disponibilizados para leitura na internet.



## RECURSOS COMPLEMENTARES

### **A semente de caboco** — livro

CABOCO, Gustavo. *A semente de caboco*. Curitiba: Picada Livros, 2019.

Indígena do povo Wapichana, o artista visual Gustavo Martini Malucelli nasceu no Paraná, em 1989, mas sua produção funda-se no retorno às raízes e à terra de seu povo em Roraima. Em 2018, venceu o Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), com *A semente de caboco*, em que poesia e desenho combinam-se para falar de ancestralidade, diáspora indígena, relação com a terra e renascimento, como nos versos: “Deitei na minha cama, era terra./Não é que a terra é uma semente gigante?/ Fui caboclinho e perguntei: o que acontece se eu plantar o planeta?”.

### **Cartas indígenas ao Brasil** — site

*Cartas indígenas ao Brasil*. Brasil, [2025]. Disponível em: <https://bit.ly/CartasInd>. Acesso em: 26 maio 2026.

O site reúne cartas elaboradas por indígenas em três períodos distintos da história do Brasil: 1630-1680 (colonização); 1888-1930 (abolição da escravidão e República); e 1999-2020 (presente). As missivas, direcionadas a diferentes autoridades nacionais, invertem a lógica da “carta do achamento” de Pero Vaz de Caminha para expor a visão dos próprios indígenas sobre o que é viver no Brasil. O material reunido no site é resultado da pesquisa de instituições como Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Pernambuco.

### **É tudo pra ontem** — música

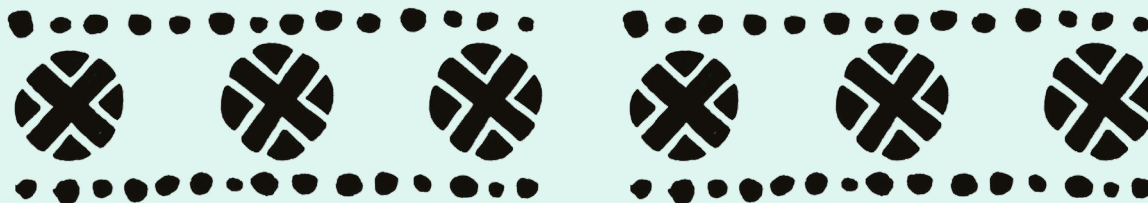
Intérprete: Emicida e Gilberto Gil. Compositor: Emicida. [S.l.]: [s.n.], 2019. *Single*. Disponível em: <https://bit.ly/3RA1ktH>. Acesso em: 26 maio 2026.

Um *single* do rapper, compositor e produtor musical Emicida, tem como cenário o Theatro Municipal de São Paulo (espaço historicamente ocupado pelas elites brancas da maior cidade do país) e participação de Gilberto Gil. Na letra, cujo refrão ecoa “viver é partir, voltar e repartir”, Gil narra uma história indígena em que Deus, com saudade de suas criaturas, volta ao mundo no corpo de um tamanduá, mas é capturado por caçadores. A lenda está em um dos textos de *A vida não é útil* e no livro *Kuján e os meninos sabidos*, escrito por Ailton Krenak e ilustrado por Rita Carelli.

### **Guerras do Brasil.doc** — série documental

Direção: Luiz Bolognesi. Brasil, 2019. 5 vídeos (130 min). Classificação indicativa: 10 anos.

A série documental tem cinco episódios de 26 minutos que dão voz a diferentes grupos



para recontar alguns dos principais conflitos armados da história do Brasil. O primeiro episódio é narrado por Ailton Krenak, que trata de uma guerra que começou com a chegada dos portugueses, em 1500, e prossegue até hoje com a luta das populações indígenas pela demarcação de terras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 08 jun. 2026.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.